



PORTUGAL

O avanço dos radicais

O conservador Chega ganha espaço e pode ultrapassar legendas tradicionais de esquerda e de direita. Partido deve fazer mais de 40 deputados nas eleições de 10 de março. Especialistas avaliam o fenômeno, impulsionado pelas redes digitais

» VICENTE NUNES
Correspondente

Lisboa — A menos de um mês das eleições que vão definir o novo governo, em 10 de março, Portugal assiste a um crescimento expressivo da ultradireita, que vem minando partidos tradicionais, com um megasquema montado nas redes sociais, a exemplo do que se viu no Brasil, nos Estados Unidos e em vários países da Europa. Estudiosos sobre esses movimentos extremistas, como os brasileiros Fernanda Sarkis e Marcus Nogueira, acreditam que legendas como o PSD — social-democrata, ainda apontado pelas pesquisas de intenção de votos como um possível vencedor nas urnas — serão ultrapassadas pelo Chega, que se apoiou em uma rede mundial de desinformação, que não é confrontada à altura pelos oponentes.

Não por acaso, o Chega é o único partido que cresce, sistematicamente, na preferência do eleitorado. Pelos levantamentos mais recentes, a legenda comandada por André Ventura tem entre 19% e 21% do apoio popular, atrás do Partido Socialista (PS) e do PSD, que vêm perdendo posições nas pesquisas e se situam na faixa entre 25% e 28%. Essas legendas tradicionais, que dividiram o poder nos 50 anos de democracia portuguesa, continuam, no entender dos especialistas, na era analógica, enquanto o Chega entrou na fase ultradigital, aproveitando-se de uma linguagem de fácil entendimento para atacar os adversários, que não se deram conta do movimento em curso no país.

“O Chega busca uma linguagem contemporânea às redes sociais e desenvolve um modo de ocupação do espaço digital que é articulado e desenvolvido internacionalmente, tanto na forma de ocupar, quanto nas histórias que são contadas”, explica o sociólogo Marcus Nogueira. Um exemplo dessa estratégia,

destaca ele, é o discurso sobre a hipótese de fraude eleitoral, que começou a circular no ecossistema do Chega nestas eleições. “Essa história circulou no Brasil, e levou à cassação do ex-presidente Jair Bolsonaro, na Argentina e nos Estados Unidos. Isso não surpreende, pois o ecossistema bolsonarista tem trabalhado fortemente para o crescimento da rede do Chega”, acrescenta.

Na avaliação de Fernanda Sarkis, mestre em comunicação política, a estratégia parece estar funcionando com o crescimento do Chega nos últimos anos. “Basta lembrar que, nas eleições de 2019, quando foi criado, o partido elegeu um deputado e, nas legislativas de 2022, fez 12 parlamentares. Agora, a perspectiva é de que ultrapasse os 40 deputados no pleito de 10 de março”,

destaca. Para ela, o aumento da popularidade e da adesão ao discurso da legenda de ultradireita é evidente, e o impacto disso no cenário político português indica para uma reconfiguração do campo da direita. Fernanda e Nogueira tiveram papel fundamental para ajudar o PT a combater a estrutura digital da extrema-direita nas eleições de 2022, vencidas com uma margem muito apertada por Luiz Inácio Lula da Silva.

Sob nova direção

Apesar de todos os movimentos da ultradireita para desacreditar o sistema político e demonizar a democracia, são muitos os portugueses que se recusam a encarar a realidade como ela é. Por isso, o cientista político Christian Lynch, do movimento Política Viva, que passou recentemente por Lisboa, não descarta a possibilidade de o Chega alcançar o poder em Portugal. “Chance sempre tem. É preciso saber se haverá resiliência ou não do sistema político português”, assinala. Na opinião dele, não se pode piscar um segundo em relação aos movimentos da ultradireita populista, pois todas as vezes em que se

Pedro Pina/AFP



André Ventura, líder do Chega, participa de debate com Luis Montenegro, da Aliança Democrática, na emissora RTP

desacreditou, aconteceu o pior. “Na maior parte da campanha de Bolsonaro à Presidência da República, muita gente desdenhou da capacidade de vitória dele, o que ocorreu. Portanto, é preciso estar sempre atento aos sinais e avaliar o que ocorreu no Brasil”, emenda.

Lynch acredita que Portugal ainda tem uma vantagem em relação ao Brasil e à Argentina: o sistema semiparlamentarista, que reduz o poder do chefe de governo, pois o Parlamento pode impor limites, ao contrário do modelo presidencialista, em que o eleito assume o controle total do Executivo. “Mas há exemplos muito próximos de Portugal, em que, mesmo com sistemas parlamentaristas, a extrema-direita chegou ao poder. Isso foi possível na Itália, em países da Europa Oriental e até na Inglaterra, embora de uma forma mais suave”, detalha. “Portugal tem algo semelhante acontecendo. Então, toda atenção é pouca”, alerta.

Integrante do PSD, que formou a Aliança Democrática (AD) com partidos de centro-direita para as eleições, Miguel Relvas considera um exagero falar em esfacelamento desse espectro político pelo Chega. Ex-ministro de Assuntos Parlamentares, ele

afirma que o PSD está enraizado na estrutura política de Portugal, como o MDB no Brasil. Portanto, acrescenta, não há como dizer que o PSD pode ter o mesmo destino do PSDB, que foi engolido pela máquina bolsonarista e nem de longe é o que foi durante os dois mandatos de Fernando Henrique Cardoso.

Essa posição é contestada por Fernanda Sarkis. “As coisas nunca mudam até mudarem. A percepção das pessoas está se alterando. Enquanto os jovens estão cada vez mais conservadores, os mais velhos estão excessivamente resignados. Tem gente que até hoje nega a popularidade de Bolsonaro. Então, creio que é questão de tempo para as pessoas entenderem que a mobilização política está sob nova direção”, enfatiza. Para o sociólogo António Barreto, o Chega é, provavelmente, a maior novidade da política portuguesa na história recente. Em artigo no jornal *Público*, ele destaca que todos os partidos contribuíram para a ascensão da legenda de extrema-direita.

“Fome, greves, trabalho clandestino, crime, droga, pobreza, violência, miséria nas periferias, filas de espera nos hospitais,

baixos salários em todos os setores, nada escapa ao Chega. Corrupção, nepotismo, favoritismo familiar ou partidário são, talvez, as principais molas que fazem o partido reagir com prontidão e espalhafato”, escreve Barreto. Tudo orquestrado por uma máquina que alcança com enorme rapidez a população, que, sem questionamento, embarca no discurso.

Apoio dos brasileiros

O avanço da ultradireita tem se dado com o apoio de brasileiros que vivem, principalmente, no norte do país e são fontes para disseminar notícias falsas. “Acho que esses brasileiros são bolsonaristas, que ficam particularmente felizes, pois estão em um lugar em que, aparentemente, não existem negros, não existe tudo aquilo que odeiam no Brasil. Eles estão identificados com uma elite branca dominante que haveria em Portugal”, afirma Lynch. “Quando comparam a elite portuguesa com a brasileira, pensam que estão num lugar melhor, por viverem na Europa, onde não se têm as vicissitudes da população, especialmente a mestiça. Mas são tratados como cidadãos de segunda classe pelo Chega.”

Luso-brasileiro na disputa

Há 15 anos morando em Portugal, o empresário Marcus Santos, 45 anos, acredita que fará história. Ele é um dos únicos brasileiros candidatos a deputado nas eleições portuguesas marcadas para 10 de março próximo. Representando o estado do Porto, concorrerá pelo Chega, partido da ultradireita que vem ganhando cada vez mais espaço na política local. “Será uma honra para um luso-brasileiro ter a confiança dos portugueses para os representar na casa da democracia”, afirma Santos.

Ele diz que representará não apenas os portugueses, mas todos os imigrantes que, como ele, encontraram em Portugal um novo lar. “Um país melhor para os portugueses será um país melhor para todos.” Segundo Santos, apesar de ser negro e brasileiro, nunca sofreu discriminação dentro do Chega, ainda que uma ala do partido seja contrária à presença de estrangeiros em Portugal. “O Chega quer apenas um controle maior na entrada de imigrantes. Devem ser permitidos apenas aqueles com habilidades que Portugal precisa, mão de obra qualificada. Não se trata de xenofobia”, destaca.

Santos, que é lutador de artes marciais e tem uma rede de academias em Portugal, ocupa a vice-presidência do Chega no Porto. Para ele, mesmo os imigrantes que escolheram Portugal para morar e trabalhar não querem que as portas estejam escancaradas “para qualquer um”. “Da forma como está, a imigração está trazendo a violência”, frisa. (VN)

Reprodução/Instagram



Marcus Santos, 45 anos, é o único brasileiro candidato a deputado

John Thys/AFP



A primeira-ministra da Estônia, Kaja Kallas: na mira de Moscou

RÚSSIA

Kremlin ordena prisão de líderes europeus

A Rússia lançou mandados de busca e prisão contra líderes dos países bálticos e da Polônia, incluindo a primeira-ministra da Estônia, Kaja Kallas, a quem acusa de “insultar a história russa”. É a primeira vez que Moscou emite um mandado de prisão contra um governante em exercício desde o início da sua ofensiva militar na Ucrânia, há dois anos. A operação fragilizou as relações do Kremlin com seus vizinhos, muitos deles pertencentes à extinta União Soviética ou ao antigo bloco socialista.

“Essas pessoas são responsáveis por decisões que são, de fato, um insulto à história, são pessoas que realizam ações hostis contra a memória histórica, contra o nosso país”, declarou Dmitri Peskov, porta-voz do presidente da Rússia, Vladimir Putin. Segundo uma nota publicada no site

do Ministério do Interior russo, a premiê da Estônia é objeto de um “processo criminal” na Rússia, sem especificar por quais crimes ela é acusada.

Em meio ao temor quanto às ambições militares de Moscou, os países bálticos — Estônia, Letônia e Lituânia — consideram que a antiga União Soviética (URSS) os ocupou, enquanto Moscou se vê como um libertador e qualifica qualquer outra abordagem de “falsificação da história”, um crime na Rússia.

O secretário de Estado da Estônia, Taimar Peterkop, e o ministro da Cultura da Lituânia, Simonas Kairys, também apareceram no mandado de busca. Segundo a agência de notícias russa Tass, a lista inclui, ainda, o diretor do Instituto Nacional de Memória da Polônia, Karol Nawrocki; o prefeito da cidade polonesa

de Walbrzych, Roman Szelemej; e o vice-ministro polonês das Relações Exteriores, Karol Rabenda.

“Intimidação”

“O regime faz o que sempre fez: tenta sufocar a liberdade (...) e continua criando a sua própria versão que contradiz os fatos e a lógica”, reagiu o ministro da Cultura lituano, Kairys, por meio de um comunicado. Kallas denunciou, por sua vez, uma “tática habitual de intimidação” por parte da Rússia.

Estônia, Letônia e Lituânia, agora membros da União Europeia e da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), são o lar de minorias russas, consideradas oprimidas por Moscou.

As relações foram agravadas pelo conflito na Ucrânia. Os países bálticos e a Polônia, que

apoiam ativamente Kiev na sua luta contra o Exército russo, tal como outros vizinhos ocidentais da Rússia, estão reforçando suas capacidades militares por medo de ataques.

Na semana passada, Putin descartou a ideia de invadir a Polônia ou a Letônia, dois países nos quais Moscou, segundo ele, “não tem nenhum interesse”. Nas últimas semanas, surgiram outros sinais de tensão.

Em 6 de fevereiro, a Rússia convocou autoridades da Estônia, Letônia e Lituânia, acusando-os de “sabotar” as eleições presidenciais russas em março, ao recusarem garantir a segurança das assembleias de voto nas embaixadas russas em seus territórios. Em janeiro, Riga e Talin rescindiram seus acordos de assistência jurídica com Moscou, citando a ofensiva na Ucrânia como motivação.